

**Grupo Reflexivo: Um relato de experiência sobre uma estratégia de enfrentamento
contra a violência doméstica**

**Karine Santos Moreira
Renata Silva Rosa Tomaz**

Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

Nota do Autor

Karine Santos Moreira, Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, Departamento de Psicologia; Renata S. R. Tomaz, Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, Departamento de Psicologia.

O presente artigo é dedicado em memória de Cynthia Marques Ferraz da Maia, obrigada por ser luz em nossos caminhos.

Correspondência referente a este artigo deve ser enviada para o Departamento de Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica, Av. Universitária Km 3,5. Cidade Universitária Anápolis-GO 75070290 Caixa postal 122 ou 901. E-mail: rrtomaz@gmail.com

¹ Relatos Selvagens: Filme hispano-argentino do ano de 2014, dirigido por Damián Szifron

Resumo

O presente artigo trata-se de um relato de experiência, que visa descrever uma vivência ao conduzir um grupo formado por homens que praticaram violência contra a mulher. Para isto, almeja-se discutir sobre a lei Maria da Penha, as políticas públicas englobadas pela mesma, as possíveis influências que podem motivar o comportamento violento e também trazer a visão prática de um grupo reflexivo, através de um relato de experiência, utilizando importantes informações como a estruturação das oficinas, a escolha e a importância de cada um dos temas, que são apresentados e discutidos com os participantes e a influência dos mesmos em cada assistido. Podendo assim, proporcionar a conscientização da importância das políticas públicas no âmbito da violência doméstica por meio de oficinas que os levem a reflexão de seus atos e a eficiência gerada por essas intervenções, utilizando como método principal a psicoeducação. Desta forma conclui-se a necessidade de estudo e conhecimento dos fatores que levam o homem a praticar a violência, e principalmente a compreensão da sociedade perante aos agressores.

Palavras- Chave: violência, psicologia jurídica, grupo reflexivo, relato de experiência.

Reflective Group: An Experience Report on Coping Strategy Against Domestic Violence

Abstract

This article is about an experience report, which aims to describe an experience in conducting a group of men who have practiced violence against women. To this end, the aim is to discuss the Maria da Penha law, the public policies encompassed by it, the possible influences that can motivate violent behavior, and also to bring the practical vision of a reflexive group through an experience report using important information, such as the structuring of the workshops, the choice and importance of each of the themes that are presented and discussed with the participants, and their influence on each participant. It can provide awareness of the importance of public policies in the area of domestic violence against women through workshops that lead them to reflect on their actions and the efficiency generated by these interventions. In this way it is concluded the need to study and knowledge of the factors that lead the man to practice violence, and especially the understanding of society before the aggressors.

Keywords: violence, legal psychology, reflective group, experience report.

Grupo Reflexivo: Um relato de experiência sobre a estratégia de enfrentamento contra a violência doméstica

Este trabalho tem como tema central descrever uma experiência na condução de um grupo formado por homens que praticaram violência contra a mulher. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde, 2002), violência pode ser definida como o “uso da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo/ comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. A violência pode ser praticada em diversos contextos, sendo aquela ocorrida em ambiente familiar e por um membro desta família é denominada de violência doméstica (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002, p.5).

A violência doméstica não é restrita as mulheres, embora elas sejam vítimas elementares, muitos casos são identificados contra idosos e menores que sofreram violência de um membro de sua família. Dados do Mapa da Violência apontam que 66% do feminicídio ocorrem nas residências das mulheres. O que causa espanto é que apesar das leis rígidas em relação a violência contra a mulher e ao feminicídio a estatística revela crescente prevalência e incidência destes atos violentos (Cerqueira, Lima, Bueno, Neme, Ferreira, Coelho, Alves, Pinheiro, Astolfi, Marques, Reis & Merian, 2018).

Esta forma de violência faz com que as mulheres se submetam a agressões, que podem envolver violação, maus-tratos físicos, psicológicos, econômicos, e muitas vezes podem levar a morte. Geralmente, estes atos violentos e abusivos são provocados por seus parceiros íntimos (Schraiber et al., 2007). Desta forma, muitas mulheres se submetem a relacionamentos abusivos devido a diversos fatores como dependência financeira e/ou emocional, medo de morrer decorrente de ameaças e algumas vezes sentem vergonha de assumir o fim do relacionamento, em decorrência de crenças familiares, sociais e culturais sobre relacionamentos e casamentos (Deeke, Boing, Oliveira & Coelho. 2009). Para Pazo e Aguiar (2012, citado por Gomes & Fernandes, 2018, p.57), “muitas mulheres deixam de denunciar por apresentarem a percepção de que a autonomia sobre sua vida não lhes pertence, além disso, algumas acreditam serem culpadas pela violência sofrida e outras sequer percebem-se em situação de violência”.

Um dos fatores que confirmam a perpetuação da violência nos relacionamentos afetivos, são os números apresentados recentemente sobre a violência contra a mulher, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de

Segurança Pública (FBSP, 2016), as pesquisas apresentam que em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no Brasil em decorrência da violência (Cerqueira, Lima, Bueno, Neme, Ferreira, Coelho, Alves, Pinheiro, Astolfi, Marques, Reis & Merian, 2018).

Diante dos números alarmantes é inevitável conter a reflexão sobre: O que fazer diante destes dados? Como conter e, principalmente, prevenir esta violência?

Seria importante iniciar com a compreensão do contexto de violência doméstica, que não pode ser entendido por apenas um viés, como se fosse um evento que se define como causa e efeito, deve ser analisado em toda sua completude sócio histórica. Levando em consideração a sociedade patriarcal, a mulher e os filhos são definidos como propriedades do homem da casa, que é o provedor e dono. Assim o patriarcado

[...] desde a Idade Média autorizou o homem a dominar a mulher, a possuí-la, a fazer dela também sua propriedade. Sendo assim, quando ela o desagrada, a força pode ser utilizada. Atos violentos foram e são justificados e autorizados, neste modelo (Freitas & Cabreira, 2011, p. 2).

Atualmente a violência doméstica pode ser dividida em cinco categorias, de acordo com a Lei nº11.340, de 7-8-2006 conforme o Art. 7º:

- Violência física: ato que pode gerar algum dano a integridade física da mulher, ou a sua saúde.
- Violência Psicológica: que consiste em qualquer comportamento que cause danos emocionais e a diminuição da autoestima, gerando desta forma um prejuízo à saúde psicológica.
- Violência Sexual: qualquer conduta que force a vítima a presenciar, manter ou participar de uma relação sexual não desejada.
- Violência Patrimonial: todo e qualquer ato que constitua na retenção, subtração e destruição parcial ou total de objetos pessoais, como instrumentos de trabalho, documentos ou bens de valores econômicos.
- Violência Moral: qualquer conduta que se firme em calúnia ou injúria.

Uma forma de impedir que este problema se alastre seria através do Grupo Reflexivo para os homens que praticam violência doméstica. Para Freitas e Cabreira (2011) esses trabalhos com os homens permitem que eles tenham consciência de seus atos, pensem em formas alternativas de agir em seu contexto familiar, deixando a violência de lado. Os autores ainda afirmam que é importante pensar em formas diferentes

de agir nesse ciclo vicioso da violência, sem gerar mais violência, e sim atitudes funcionais e adaptativas ao contexto social.

A ausência de políticas públicas em relação aos homens autores de violência doméstica contra a mulher, motivou a criação dos Grupos Reflexivos de Gênero, implantados no ano de 2011 em Porto Alegre pela juíza Madgéli Frantz Machado, titular do 1º Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, do TJRS (Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul). (IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito de Família, 2018)

Com a intenção de atender ao cumprimento da medida judicial presente no art.45 da Lei 11.340/2006, que permite o juiz determinar o comparecimento obrigatório dos homens agressores aos programas de recuperação e reeducação, existem alguns princípios com a finalidade de nortear o grupo reflexivo, como por exemplo a responsabilização dos atos em aspectos legais, culturais e sociais, a discussão sobre a igualdade e respeito da diversidade de gênero, a garantia dos direitos universais, a promoção e o fortalecimento da cidadania, e o respeito aos direitos e deveres individuais e coletivos (Gaulia, Mello, Alves, Junior, Ferreira, et al. 2012).

A estruturação do grupo é feita em dois momentos, sendo o primeiro na constituição da aplicação de uma entrevista individual na intenção de recolher informações pessoais de cada um dos participantes e suas relações, e o segundo na realização de 10 encontros grupais realizados uma vez por semana, com a duração de 1h30 a 2hrs, no período de 3 meses, para a discussão e reflexão de algumas temáticas previamente estabelecidas (Gaulia, Mello, Alves, Junior, Ferreira, et al. 2012).

É importante lembrar que apesar de cada grupo possuir uma identidade específica, alguns assuntos se tornam indispensáveis, como por exemplo, a Lei 11.340/2006 – Lei Maria da Penha, a violência contra a mulher e as diversas causas que podem de alguma maneira se encontrarem associadas a ela, como os aspectos sociais, culturais, a saúde do homem relacionada a questões como o uso e abuso de substâncias e transtornos mentais, as relações familiares, os aspectos emocionais e afetivos na relação conjugal, como ciúmes, traição e confiança. É necessário ressaltar também que não existe uma ordem exata na qual os assuntos devem ser abordados, e que devesse levar em consideração as demandas apresentadas durante cada um dos encontros.

Os autores Tijeras, Rodríguez e Armenta (2005), Echeburúa, Fernández-Montalvo e Corral (2008) afirmam que fatores como ciúme excessivo, amor patológico, uso e abuso de substância e histórico de violência na infância influenciam no comportamento

agressivo e que outros fatores podem contribuir para a perpetuação desse comportamento, como o estímulo da sociedade, a exibição de força e agressividade masculina, e até mesmo a cultura na qual o indivíduo se encontra. Por isso é importante debater esses temas, que podem contribuir para a violência.

O grupo reflexivo tem como objetivo trazer a consciência dos atos cometidos, trabalhando com diversos temas afim de estimular mudanças, gerar conhecimento e promover relações as quais tem como base o respeito. Durante as intervenções do grupo é necessário lembrar que apesar do mesmo não possuir caráter punitivo, o caráter conscientizador da responsabilidade dos atos que foram praticados é extremamente necessário, porém não cabe o poder de julgamento, pois este é feito durante o decorrer de seu processo judicial. Desta forma, cabe ao grupo reflexivo somente a psicoeducação e a provocação da reflexão sobre os atos de cada um dos participantes, com o propósito dos mesmos perceberem e entenderem suas responsabilidades diante dos atos que os levaram ao grupo (Araújo, 2009).

O presente trabalho tem o objetivo de trazer a visão prática de um grupo reflexivo, através de um relato de experiência, utilizando importantes informações, como a estruturação das oficinas, a escolha e a importância de cada um dos temas, que são apresentados e discutidos com os participantes, e sua influência dos mesmos em cada participante. Podendo proporcionar a conscientização da importância das políticas públicas no âmbito da violência doméstica contra a mulher, como essas oficinas com homens que praticaram a violência doméstica, e a eficiência gerada por essas intervenções.

Método

O método utilizado é um relato de experiência no contexto da disciplina de estágio supervisionado II, ministrada no décimo período do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniEvangélica da cidade de Anápolis.

O relato de experiência tem abordagem qualitativa onde possibilita uma análise da vivência de uma estagiária de psicologia, do último ano do curso de graduação. Assim tornando possível que outros estudantes tenham conhecimento da experiência realizada neste relato.

De acordo com Sanfelici & Figueiredo (2014), o relato de experiência busca descrever precisamente uma experiência que venha contribuir para com sua área de

atuação, considerando não somente a teoria mas também a vivência de quem o relata, este relato não é uma narrativa emotiva e subjetiva, nem uma divagação pessoal e aleatória, mas sim produzido de modo contextualizado com objetividade e com o suporte teórico necessário.

A relevância de um relato de experiência está na pertinência dos temas e na importância dos problemas que nele se expõem, assim como na aplicação de procedimentos ou de resultados da intervenção que muitas vezes podem ser utilizadas em outras situações similares, ou seja, serve como uma colaboração a prática metodológica da área à qual faz parte.

Resultados e Discussão

Relato de Experiência

A fundamentação deste artigo tem como base a experiência vivenciada durante o estágio supervisionado de Psicologia Jurídica, referente ao acompanhamento do grupo reflexivo para autores de violência doméstica, e também de como se dão as políticas públicas no estado de Goiás, e a importância das mesmas para com a sociedade.

O grupo reflexivo para homens autores de violência doméstica contra a mulher, contava com o número de 11 participantes e foi estruturado da seguinte forma: após serem encaminhados pela vara de violência doméstica da cidade de Anápolis – GO, o grupo se dava em dois momentos específicos, o primeiro acontecia de forma individual com cada um dos homens, onde uma entrevista estruturada era aplicada pelos estagiários de psicologia, na intenção de recolher dados pessoais do indivíduo e de seu processo, o segundo momento acontecia em forma de grupo, dando assim início aos trabalhos de psicoeducação que seriam realizados dentro de 10 encontros conduzidos por 5 estagiários, e supervisionado pela professora e psicóloga responsável. Os encontros ocorreram semanalmente, com a duração de 1hr30m, em uma sala de reunião, que era sempre configurada em forma de círculo, visando o acolhimento e o conforto dos participantes.

1º Encontro: Iniciou-se o grupo com o enquadre feito pelas estagiárias, com o intuito de explicar as regras e os fatores de permanência nas reuniões, estabelecendo dessa forma um contrato com os participantes. Esclareceu-se também o que é o Grupo reflexivo

e quais são as funções do mesmo, verificando o conhecimento e as informações que os membros apresentavam sobre o significado e a importância do grupo.

De acordo com Lemgruber (1997) o estabelecimento do enquadre é um grande reforçador da aliança terapêutica, tanto para com um único paciente quanto para com um grupo, pois este contrato transforma a terapia em um evento menos ameaçador, diminuindo o desconhecimento e o medo do processo e dando lugar a uma maior participação dos envolvidos, e a uma postura menos contida dos mesmos diante do processo de partilha de cada um dos casos.

Após as colocações sobre o grupo e o enquadre terem sido feitas, houve a realização de uma técnica de apresentação, na qual foi pedido para que informassem o nome, idade, profissão e apontar uma qualidade e um defeito que os mesmos acreditavam possuir. A técnica possuiu a intenção de ressaltar a importância do autoconhecimento, questionando aos assistidos se os defeitos e qualidades citados eram de fato pertencentes a eles, ou se partiam da opinião de outras pessoas.

Em um segundo momento foi introduzida a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), e os membros eram questionados sobre os tipos de violência que reproduziam baseados na Lei, na intenção de leva-los a refletir sobre suas ações e conhecerem os tipos de violência abrangidos pela lei, procurando sanar algumas curiosidades e dúvidas sobre a mesma e sobre o processo pelo qual cada um estava passando no determinado momento.

Pôde-se testemunhar, entre os participantes, a falta de conhecimento acerca do que é violência contra a mulher e sobre qualquer tema dessa natureza (tais como o conceito de relacionamento abusivo, os diferentes tipos de violência, machismo e misoginia, ou sobre a própria Lei Maria da Penha, Lei 11.340/2006). Para Araújo (2009) conscientizar os participantes de que sua ação contra a mulher é uma violência é importante para que haja mudanças em suas atitudes, pois muitos homens não têm o conhecimento sobre violência e agressividade, e por isso, não identificam seus comportamentos como violência.

2º Encontro: Foi retomado os temas discutidos no último encontro e introduzida uma regra para organização dos momentos de fala. Introduziu-se então o tema “Masculinidade Tóxica”, apresentado pelo vídeo “Quebrando o silêncio: como homens se transformam” pelo idealizador do projeto Papo de homem, Guilherme Valadares, em uma apresentação ao TEDx Talks. O tema tinha como propósito de ao questioná-los sobre

a compreensão e opinião do vídeo, leva-os a refletir sobre os mais simples atos e comportamentos do dia a dia, e dessa forma perceberem se os mesmos poderiam ser encaixados como masculinidade tóxica e o que poderia ser feito para que houvesse uma mudança.

O vídeo além da definição de masculinidade tóxica nos tras também a necessidade de expressão de sentimentos por meio da fala ou de ações, que apesar de muitas vezes reprimida está presente no homem. Padilha (2010) afirma que é necessário que os homens aceitem a dor, o medo, o afeto, o fracasso pessoal e a vergonha, pois estes são experiências humanas e não exclusivas de um tipo de identidade feminina ou de um homem considerado “menos homem”.

Os participantes realmente chegaram aos objetivos do projeto: a reflexão sobre seus próprios comportamentos, a necessidade de falar sobre suas experiências e seus problemas, além de rever conceitos e buscar mudanças a partir de elementos que compreendem o caminho da reabilitação e não-reincidência.

3º Encontro: Os temas discutidos no último encontro foram novamente retomados, buscando um feedback dos participantes. Logo após foi apresentado o tema “Culpabilização da mulher”, utilizando as seguintes frases: “Ela não deveria estar sozinha na rua até essa hora!”, “Ela não deveria estar vestida daquela forma.”; “Ela não deveria ter bebido tanto.”; “Ela estava pedindo.”; “O que ela esperava que fosse acontecer?”. As frases foram apresentadas juntamente ao contexto de uma mulher que teria sido agredida na rua por um homem, e possuíam a intenção de gerar uma reflexão diante do pré-conceito criado pela sociedade diante de casos como esse, em que a vítima tende a ser transformada em culpada.

Para Szymanski e Szymanski (2014), as questões levantadas durante os encontros, tanto por meio de dinâmicas tanto por meio da partilha entre os participantes, são de extrema importância pois possibilitam espaço para que outras experiências possam ser refletidas de acordo com os assuntos apresentados, exercitando a compreensão do profissional para com os assistidos, de um participante para com o outro, e da importância de cada relato.

O tema escolhido para este encontro específico tinha como objetivo trazer à tona a maneira como uma vítima de violência doméstica também sofria com o fardo da culpa, como essas mulheres por muitas vezes sentem-se culpadas pelo ocorrido e levar cada participante a refletir sobre como sempre existem dois lados de uma mesma moeda, para

que os mesmos procurem entender as consequências que são acarretadas não somente para eles, mas também, para as vítimas e o ciclo social das mesmas.

4º Encontro: Após o tema discutido anteriormente ser retomado, houve a apresentação do tema presente, o uso e abuso de substâncias, representado pelos seguintes vídeos: “Um vídeo sobre drogas e álcool”, relatando o efeito das mesmas de forma individual na vida de cada pessoa, e “Cartas para Jack”, demonstrando as consequências do abuso dessas substâncias para pessoas próximas, por exemplo para os familiares. O tema tinha como proposta levantar a reflexão e conscientização das consequências que o uso exacerbado dessas substâncias podem causar, como por exemplo o vício, a desestruturação do lar, o comportamento agressivo, entre outros.

A grande maioria dos relatos encontrados sobre a violência doméstica nos fornece a informação de que o homem se encontrava alcoolizado ou refém do abuso de alguma substância química no exato momento em que a violência ocorreu. De acordo com Minayo (1998), diversos estudos afirmam que o álcool é a substância mais associada a várias formas de violência, tornando-se dessa forma um dos fatores de risco para a violência conjugal.

Tratando-se do uso e abuso de substâncias, Separavich e Canesqui (2013) chegaram à conclusão de que, diante do efeito de algum tipo de entorpecente, o homem permite que todo e qualquer problema, seja ele de origem pessoal ou social, se liberte de maneira aflorada. Esse fator juntamente com a necessidade de controle e poder diante da relação conjugal, possui grandes probabilidades de levar a um comportamento violento muitas vezes descontrolado.

5º Encontro: No quinto encontro com a presença de três estagiários da área de direito na intenção de que os mesmos pudessem explicar a lei e como seu processo funciona, com maior propriedade. Assim sanando as dúvidas específicas sobre os processos pelos quais cada um dos participantes estava enfrentando, visto que o mesmo não se encaixa no papel ou na área dos estagiários de psicologia.

Nothaft (2014), nos diz que a violência doméstica é considerada um fenômeno complexo, sendo impossível compreendê-lo de uma forma bidimensional, tendo como base categorias fixas como “homem – agressor” e “mulher – vítima”, pois as situações tendem a ir muito além do gênero. Diante disso observa-se a necessidade de falar a

respeito da lei de forma ampla e objetiva, melhorando desta forma a compreensão dos participantes sobre a mesma.

A medida que o acolhimento e o debate foram se desenvolvendo, o desconhecimento foi perdendo espaço para a conscientização desse processo, dúvidas puderam ser sanadas e o conhecimento diante do processo pelo qual os mesmos estavam passando deu lugar também ao sentimento de aceitação do mesmo.

6º Encontro: Foi retomado o tema do último encontro e logo após apresentado o vídeo “Acorda Raimundo”, tendo como tema central o gênero, a diferença entre o gênero masculino e feminino, os privilégios e lutas que vem com o peso de cada um desses, os levando a refletir sobre seus comportamentos e sobre como a discriminação de gênero pode afetar os relacionamentos de maneira negativa.

Para Scott (1995), a cultura patriarcal e capitalista que se encontram articuladas na modernidade, são formas de produzir e reproduzir a vidas diante das relações de dominação e poder, fazendo com que dessa forma a perpetuação da violência possa acontecer.

De acordo com Teles e Melo (2003), os papéis de dominação impostos aos homens, e de submissão as mulheres, foram consolidados ao longo da história e vem sendo reforçados pela cultura do patriarcado, por seus costumes, e sua ideologia que promovem a ideia de que o sexo masculino possui o poder e o controle diante das situações, o que conseqüentemente induz a relações violentas entre os sexos.

7º Encontro: Após o tema anterior ser retomado, deu-se início a uma nova temática, apresentando uma cena do filme “Relatos Selvagens¹” onde é retratada a violência no trânsito, na intenção de trabalhar a resolução de conflitos em situações críticas que podem engatilhar o comportamento violento.

Uma das técnicas trabalhadas durante este encontro foi a de resolução de problemas, buscando com que os assistidos tivessem a plena consciência e o entendimento da capacidade interna dos mesmos de resolverem um conflito sem que haja

¹ Relatos Selvagens: Filme de origem hispano-argentino, produzido no ano de 2014 e dirigido por Damián Szifron.

O filme pode ser encontrado de forma gratuita no seguinte site: <https://megafilmeshd.com/relatos-selvagens-dublado-online/>

a necessidade de partir para atos extremos, como por exemplo o comportamento agressivo.

Para Vinha e Tognetta (2009) ao ocorrer um conflito entre dois ou mais indivíduos, os mesmos se encontram diante da necessidade de refletir sobre maneiras distintas de reestabelecer o equilíbrio, por meio da capacidade de persuasão do outro ou a satisfação de si mesmo.

8º Encontro: Foi apresentado o vídeo “Vida de Maria”, retratando como alguns valores e costumes são passados de geração em geração e como isso pode afetar, tanto positivamente, impedindo que o comportamento agressivo continue passando pelas próximas gerações, quanto de maneira negativa, fazendo com que a perpetuação dessa violência aconteça com mais frequência, a vida de cada indivíduo. O tema tinha como intenção leva-los a refletir sobre o que suas gerações anteriores passaram de crenças e valores para eles, e o que gostariam de passar para suas próximas gerações, para seus filhos. Foi possível debater a influência que isso traria pessoal e coletivamente, a forma como esses valores e costumes poderiam influenciar de maneira positiva, ajudando a formar uma geração de seres humanos melhores.

A experiência do ato violento durante a infância, seja ela de forma direta ou indireta, pode ser considerada como fator de risco para que a mesma se perpetue no futuro. Para Ravazzola (1997), um indivíduo que tenha vivenciado situações de violência durante a infância, experiência esta que deixa marcas que não podem ser apagadas, muitas vezes se encontra em posição de conflito diante da situação, pois diante do amor que se sente pelo agressor os atos do mesmo tendem a ser minimizados por meio do afeto, assim como o dano causado a criança. Diante da informação oferecida pode-se perceber que para Ravazzola(1997), o histórico de violência na infância do agressor pode estar relacionado com a perpetuação da mesma no presente momento.

9º Encontro: Diante das demandas apresentadas anteriormente durante os outros encontros, as estagiárias sentiram a necessidade de trazer como tema o relacionamento abusivo. O mesmo foi apresentado com o vídeo do TEDxSãoPaulo “A minha história de amor virou um pesadelo” conduzido por Jessica Aronis. O vídeo tinha como objetivo esclarecer o significado de relacionamentos abusivos, como os mesmos ocorriam e o porquê algumas pessoas continuam imersas em algumas relações tóxicas. Dessa maneira trazer à consciência dos participantes a complexidade das dificuldades e das barreiras que

existem para que alguém não se submeta a esse tipo de relacionamento e o quanto isso acaba por afetar de maneira negativa a pessoa que vive essa experiência, repercutindo em todos os relacionamentos.

Autores como Simon (1982) e Fisher (1990) apresentam que o comportamento de atenção e cuidados em relação ao companheiro é esperada em qualquer relacionamento considerado saudável, porém quando esse comportamento é percebido de maneira excessiva e sem controle, de maneira que se torna prioridade para o indivíduo, podemos considerar uma das características do Amor Patológico, este é um fato pouco estudado cientificamente apesar de não ser raro e gerar grande sofrimento.

De acordo com Sophia (2008) o amor patológico é caracterizado pelo comportamento do indivíduo de cuidar de forma excessiva e descontrolada, com a intenção de obter afeto, desrespeitando as necessidades do parceiro, geralmente agindo de maneira crítica quando não acontece o esperado por ele, contrariando o conceito de cooperatividade, que inclui ajuda sem se esperar nada em troca, flexibilidade e empatia social, em um relacionamento amoroso que se diferencia do amor delirante. Essas pessoas também possuem dificuldades em estabelecer metas e de manter foco sobre elas. "Isso ocorre porque o foco principal de sua vida é manter o parceiro sob controle, pois necessita da sua atenção" (Sophia, 2008, p. 32).

Um dos indícios presentes no amor patológico é o medo da perda do parceiro, porém é necessário ressaltar que essa perda não está ligada ao fim do relacionamento ou a morte do companheiro, mas sim à perda de controle sobre o mesmo.

O indivíduo que possui o amor patológico pode apresentar oscilação entre a certeza e a incerteza de que o companheiro é real, de que irá ama-lo e uma insegurança em relação ao amor desse parceiro, fazendo com que os sentimentos de raiva e culpa se tornem mais visíveis quando o indivíduo é atingido de alguma maneira por essa incerteza.

É importante entender que amor patológico não é atribuído a nenhum gênero específico, podendo atingir tanto homens quanto mulheres, o mesmo pode estar também ligado a outros transtornos psiquiátricos, podendo ser associado a sintomas depressivos e ansiosos ou ocorrer de maneira isolada em indivíduos com personalidade vulnerável, baixa autoestima, sentimento de rejeição, abandono e raiva.

De acordo com Carotenuto (2004), o ciúme pode ser gerado pelo medo de perder o objeto de amor e provoca dessa forma muita angústia no indivíduo, o que leva a relacionar o indivíduo com personalidade vulnerável, baixa autoestima, sentimento de rejeição, abandono e raiva, na condição amor patológico com o sentimento de ciúme. De

acordo com Cavalcante (1997), o ciúme patológico pode ser considerado um transtorno afetivo grave, uma perturbação que faz com que o indivíduo se sinta completamente ameaçado.

10º Encontro: O último encontro foi dividido em três momentos. Após realizarmos um feedback do tema anterior demos início ao primeiro momento com a apresentação do vídeo “Bata nela”, mostrando uma campanha italiana contra a violência de gênero realizada com crianças, com a intenção de fazê-los refletirem sobre o respeito ao próximo e sobre os atos que os levaram até ali. No segundo momento foi desenvolvida a técnica “O que eu levo, o que eu deixo”, onde cada participante foi indagado a responder perguntas como: “O que eu levo de bom?”, “O que eu deixo de bom?” e “O que eu deixo de ruim?”, de acordo com os momentos vivenciados e as reflexões realizadas durante os encontros anteriores. No terceiro e último momento foi compartilhado um lanche entre as estagiárias e os participantes como forma de agradecimento e despedida.

Chegado ao fim do nosso trabalho é importante lembrar que um dos aspectos mais importantes a serem considerados para a compreensão do grupo é a atitude de abertura dos participantes para o que está se mostrando (Szymanski & Szymanski, 2014). Certamente ainda existem alguns desafios, seja em formar um grupo para mulheres vítimas de violência doméstica ou lidar com a resistência de alguns membros (que diminui bastante com o acolhimento e a imersão ao grupo). Logo, conclui-se que o Grupo Reflexivo é uma possibilidade promissora que visa a percepção e o entendimento diante dos atos cometidos pelos participantes, diminuindo desta forma a propagação da violência doméstica.

Considerações Finais

Perante os fatos e dados aqui apresentados a prática do grupo reflexivo teve excelentes resultados como: comunicação efetiva, a comprovação da indubitabilidade dos efeitos da psicoeducação e a indiscutível compreensão por parte dos assistidos sobre suas responsabilidades. Porém, existe ainda a necessidade de inclusão da vítima nesse processo para que haja uma melhor coexistência e para que se evite a reincidência tanto por parte do agressor quanto por parte da vítima em questão.

Um dos fatores agravantes que torna necessário o estudo sobre os fatores que influenciam o homem a ter um comportamento agressivo, é a falta de pesquisa sobre o

tema e a necessidade de compreensão de ambos os envolvidos no conflito e não apenas da vítima.

Diante da experiência de atuação com um grupo reflexivo para homens autores de violência, percebe-se o quão necessária esta atividade é para o processo de construção de relações com maior igualdade entre homens e mulheres.

Perante os obstáculos encontrados durante a execução deste trabalho, é extremamente necessário citar alguns aspectos que contribuíram de maneira positiva para o desenvolvimento dos temas apresentados e dos participantes como um todo. Uma das principais queixas apresentadas pelos assistidos foi o sentimento de injustiça, o mesmo acontece devido ao fato dos assistidos serem obrigados a participar do grupo sem antes terem a oportunidade de apresentarem sua versão dos fatos ocorridos.

O acolhimento e o sigilo oferecidos pelos estagiários durante a condução dos encontros, gerou uma melhor compreensão por parte dos participantes diante da necessidade do grupo, facilitando dessa forma a partilha sobre a situação em que os mesmos se encontravam.

Mesmo diante das dificuldades para a realização do grupo é necessário compreender que a violência não deve ser trabalhada apenas por uma ótica, pois a mesma atinge não só ao agressor, mas toda a família, tendendo a se perpetuar caso todos os paradigmas envolvidos não sejam trabalhados com ambas as partes envolvidas.

Em suma, pode-se comprovar a importância das políticas públicas nos casos de violência doméstica contra a mulher. De maneira que o grupo reflexivo se mostrou uma ferramenta eficaz para a conscientização dos assistidos. Desta forma a problematização de inclusão da vítima no processo de reabilitação pode ser resolvido por meio da utilização dos grupos de apoio, com implementação do método de psicoeducação a partir de determinação judicial assim como ocorre no processo de punição do agressor. Conclui-se desta forma que os assistidos atingiram o objetivo básico do grupo, tornando-se conscientes da importância da não-reincidência.

Referências

- Araújo, C. M. (2009). Grupo Reflexivo de Gênero Trabalhando com o Autor de Violência Doméstica. *IV Jornada Internacional de Políticas Públicas*.
- BRASIL. Lei nº11.340, de 7 de agosto de 2006. 15.ed. São Paulo: Saraiva, 2018.
- Carotenuto, A. (2004). *Amar Trair: Quase uma apologia da traição*. São Paulo: Paulus.
- Cavalcante, A. M. (1997). *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Cerqueira, D. C., Lima, R. S., Bueno, S., Neme, C., Ferreira, H., Coelho, D., Alves, P., P., Pinheiro, M., Astolfi, R., Marques, D., Reis, M. & Merian, F. (2018). *Atlas da Violência 2018*. Recuperado em 10 de dezembro de 2018: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf
- Deeke, L. P., Boing, A. F., Oliveira, W. F. & Coelho, E. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e Sociedade*. Vol.18, n.2, p.248-258.
- Gaulia, C. T., Mello, A. R., Junior, A. A. C., Ferreira, M. C. A. S., Schuman, M. C., Amaral, R. L. M., Santos, E. B., Costa, M. A. C., Araújo, I., Kitsos, G., Lima, S., Maradei, A. P. & Silves, S. (2012). Padronização do grupo reflexivo dos homens agressores. *Revista Direito em Movimento*. Vol.14, p.407-426.
- Echeburúa, E., Fernández-Montalvo, J. & Corral, P. (2008). ¿Hay diferencias entre la violencia grave y La violencia menos grave contra la pareja?: un análisis comparativo. *International Journal of Clinical and Health Psychology*. Vol.2, n.2, p.355-382.
- Fisher M. (1990). *Personal Love*. London: Duckworth.
- Freitas, M.R. & Cabrera, O.J. (2011). Grupo Reflexivo: uma alternativa de trabalho voltada aos homens cumpridores de medida protetiva. *Anais do II simpósio gênero e políticas públicas, Universidade Estadual de Londrina*. Recuperado em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Renata%20e%20cia.pdf>
- Gomes, I. R. R. & Fernandes, S. C. S. (2018). A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*. Vol.38, n.94, p.55-66.
- IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito de Família. (2018). Grupos reflexivos e o trabalho de reabilitação com autores de violência doméstica. *Revista Instituto Brasileiro de Direito de Família[online]*. Recuperado em: <http://www.ibdfam.org.br/noticias/6564/Grupos+reflexivos+e+o+trabalho+de+reabilita%C3%A7%C3%A3o+com+autores+de+viol%C3%Aancia+dom%C3%A9stica>

- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). World report on violence and health. *World Health Organization, Geneva*. P.3-327. Recuperado em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf?sequence=1
- Lemgruber, V. (1997). *Psicoterapia breve integrada*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minayo C.S. (1998). Complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Caderno de Saúde*. Vol.14, n.1, p.35-42.
- Nothaft, R. J. (2014). Repensando violência de gênero e políticas públicas para combatê-la. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. ISSN 2177-8248. Recuperado em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT3_Ra%C3%ADssa%20Jeanine%20Nothaft.pdf
- Padilha, M. A. R. (2010). Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino americanas. *Entrevista concedida a Danilo de Assis Clímaco*. In: Toneli, M. J. F. *Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE*. P.95-131.
- Ravazzola, M.C. (1997). Histórias infames: Los maltratos en las relaciones. *Livro: Historias infames: Los maltratos en las relaciones*. Eitora: Paidós. Cap.9, p.182-195 .
- Sanfelici, A. & Figueiredo, E. H. D. (2014). O relato de experiência. *Escrita Acadêmica*. Recuperado em: <https://www.escritaacademica.com/topicos/generos-academicos/o-relato-de-experiencia/>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Vol.20, n.2, p.71-99.
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F. P. L., França-Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P. Ludermir, A.B., Valença, O. & Couto, M. T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*. Vol.41, n.5, p.797-807.
- Separavich, M. A. & Canesqui, A. M. (2013). Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. *Saúde e Sociedade*. Vol.22, n.2, p.415-4028.
- Simon, J. (1982). Love: addiction or road to self-realization, a second look. *The American Journal of Psychoanalysis*. Vol.42, n.3, p.253-263.
- Sophia, E. C. (2008). *Amor Patológico: Aspectos clínicos e de personalidade (Dissertação de mestrado)*. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Vol.29, n.1, p.55-62.1-130.

Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462007000100016&script=sci_abstract&tlng=pt

- Szymanski, H. & Szymanski, L. (2014). O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: Uma perspectiva fenomenológica. *Revista de Educação, Ciência e Cultura. Educação Canoas*. Vol.19, n.1, p.9-22.
- Teles, M. A. & Melo, M. (2003). *O que é violência contra a mulher (Coleção Primeiros Passos)*. São Paulo: Brasiliense.
- Tijeras, J., Rodríguez, J. & Armenta, M. (2005). Teoría y descripción de la violencia Doméstica. Programa terapéutico para Maltratadores del ámbito familiar en el Centro penitenciario de Pamplona. *Anuario de Psicología Jurídica*. Vol.15, n.1, p.67-95.
- Vinha, P. T. & Tognetta, L. R. P. (2009). Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Revista Diálogo Educacional*. Vol.9, n.28, p.525-540.